



BRASÍLIA NO METRÔ

Nas estações do metrô você descobre...



GENTE QUE VISITA A FAMÍLIA

Depois do metrô, Aldenora Lopes, moradora da Granja do Torto, pode visitar seus sogros em Samambaia pelo menos duas vezes por semana. “É muito mais rápido, muito mais prático”, afirma. Ela pega um ônibus até a rodoviária do Plano Piloto, de onde segue de metrô para Samambaia, num percurso que dura mais ou menos uma hora. Se fosse feita toda de ônibus, essa viagem

teria a duração mínima de uma hora e meia, calcula. Aldenora acha que o preço da passagem - R\$ 1,50 - é bom, e diz que para o metrô ficar ainda melhor só falta concluir as estações da Asa Sul e levar o metrô até a Ceilândia, como está previsto, e a locais como Santa Maria e Gama. Tão entusiasmado quanto Valdenora, seu filho de três anos, que viaja com ela, faz questão de contar que adora visitar os avós e andar de metrô. “A gente chega bem depressa”.



GENTE QUE ENSINA

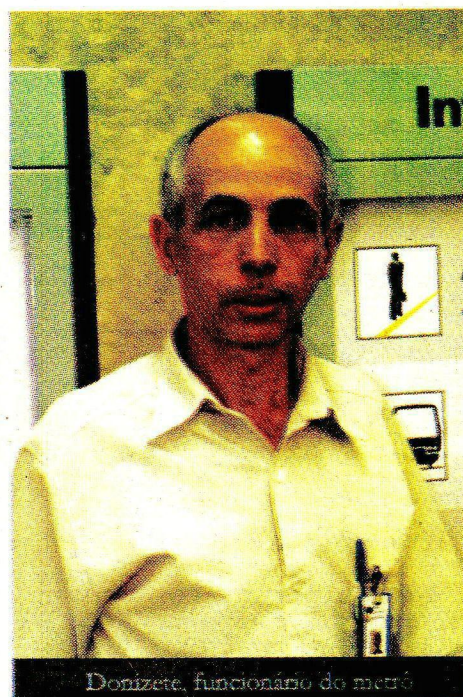
Ideri Luiz Teodoro é professora em duas escolas de Taguatinga Centro. Moradora de Águas Claras, ela dá aula de História no Centro de Ensino 15, de manhã, e no Centro de Ensino 10, à noite. Ela lamenta só poder usar o metrô de manhã. É que os trens param de operar às 20 horas e ela não teria como voltar para casa depois da aula noturna. Se a professora pudesse fazer uma reivindicação seria, com certeza, a ampliação do horário de

funcionamento do metrô. Olivério Luiz Teodoro, pai de Ideri, acompanha a filha na viagem de metrô sempre que precisa resolver problemas em Taguatinga ou fazer alguma consulta médica. Seu Olivério gosta de andar de metrô porque “é uma viagem mais cômoda”. Ideri destaca, além da comodidade, a rapidez do transporte que não enfrenta congestionamentos. A professora sai de casa em torno das 06h45 e antes das 07h25 chega ao Centro de Ensino 15. “É uma viagem muito tranquila”, assegura.



“É muito mais rápido, muito mais prático.”

Aldenora Lopes



Donizete, funcionário do metrô

GENTE QUE CUIDA DOS DETALHES

Donizete Fernandes dos Santos, funcionário do metrô desde 1998, é responsável pela Estação Praça do Relógio. Isso significa gerenciar o funcionamento da estação, o acesso de funcionários, passageiros, os serviços de venda de bilhetes e cadastro e o atendimento ao público. Pela estimativa de Donizete, cerca de dez mil pessoas passam diariamente pela estação do metrô na Praça do Relógio. Os usuários estão satisfeitos com esse sistema de transporte, principalmente quanto à qualidade do serviço, atendimento e pontualidade, avalia. “É possível notar um nível bom de satisfação entre os usuários”, reforça o responsável pela estação.

Na opinião de Donizete, o metrô contribuiu para melhorar o serviço de transporte e o trânsito em Brasília, pontos considerados críticos, principalmente em função das longas distâncias. “O deslocamento mais rápido do metrô, que não enfrenta nenhum congestionamento, contribui para melhorar o transporte. Com a construção da sequência do metrô, que irá até o Terminal de Ceilândia, um número maior de pessoas terá acesso a esse transporte de qualidade”, afirma. O responsável pela Estação Praça do Relógio lembra que o metrô assegura aos deficientes físicos as facilidades previstas em lei, como rampa de acesso e elevadores para cadeiras de rodas. “Além disso, se um desses equipamentos falhar, todos os funcionários que trabalham com o usuário estão preparados para conduzir, de forma satisfatória, o portador de deficiência de qualquer tipo”. Apesar de não permitir o transporte de animais, a preocupação com a utilização por portadores de deficiência levou o metrô a excluir da proibição os cães-guia, para facilitar a circulação dos deficientes visuais.

Donizete está certo de que a utilização do metrô pelo público vai aumentar cada vez mais. “Como esse transporte está sendo usado há pouco tempo, as pessoas ainda não estão totalmente acostumadas”, analisa. Segundo ele, a demanda de passageiros rege a oferta de linhas e horários. Se o movimento aumentar, as linhas e os horários podem aumentar. É uma boa notícia para quem, como a professora Ideri, torce para os trens circularem até mais tarde.



Leidiane, funcionária do metrô

GENTE ATENCIOSA

Leidiane de Castro Lopes, de 19 anos, trabalha no atendimento ao público na Estação Praça do Relógio. Das 13 horas às 21 horas, ela acompanha o movimento da estação. Leidiane afirma que gosta do trabalho que faz, pela oportunidade de contato com os usuários, e conta que o metrô tem uma importância especial para ela, pois é o seu primeiro emprego. Mas ela não pode usufruir do meio de transporte mais avançado da capital. Morando na M-Norte, em Taguatinga, precisa pegar ônibus para chegar ao trabalho.



Orlando Junior, futuro dentista

GENTE QUE VAI LONGE

Quando Orlando Sales de Oliveira Junior se formar em Odontologia, sua família vai comemorar com a certeza de que contribuiu para isso. O estudante de 15 anos mora na M-Norte, em Taguatinga, e cursa a segunda série do segundo grau, no Plano Piloto. Seu pai o leva de carro até a Estação Praça do Relógio, onde pega o metrô. Mais ou menos 20 minutos depois, quando desembarca na rodoviária, encontra seu tio esperando para deixá-lo na escola. O esforço conjunto vai valer a pena, com certeza. Afinal, com apenas 15 anos, Orlando já está a um passo do vestibular. E sabe o que quer. É para gente como ele que existe o metrô.



Brasília, 31 de julho de 2004



Página 13



“Os passageiros se preocupam em ceder lugar para os mais velhos.”

Lezir Alves



Lezir Alves de Souza

GENTE QUE GANHA TEMPO

Lezir Alves de Sousa viaja de metrô todos os dias, da Praça do Relógio, em Taguatinga, até a rodoviária do Plano Piloto. Funcionária do Serviço Médico da Câmara dos Deputados, ela acha que o metrô “ajuda demais a população”. Mas acredita que o serviço ficará ainda melhor depois que o projeto

for concluído e o metrô e os ônibus estiverem integrados. Com o uso do metrô, Lezir ganhou mais de dez minutos no deslocamento para o trabalho e outros dez na volta para casa. Isso, apesar de ainda ter que pegar ônibus para ir da rodoviária até a Câmara.

Na opinião de Lezir, a rapidez e o preço da passagem são pontos positivos do metrô. Ela diz que não paga passagem porque já completou 65 anos, “mas se preocupa com quem paga”. Ela conta também que nunca viaja no metrô em pé. “Os passageiros se preocupam em ceder lugar para os mais velhos”. Isso, somado à limpeza e conservação das estações e dos trens, confirma a impressão de que o metrô, realmente, é “coisa de primeiro mundo”.



Mariana da Mata, estudante do ICESP

GENTE QUE APRENDE

Mariana da Mata Tavares, de 20 anos, mora no Gama e faz o curso de Comunicação no ICESP, no Guará. Há um ano e meio ela utiliza o metrô e afirma que a economia que faz com o transporte ajuda no pagamento da faculdade, que é particular. Mariana pega um ônibus do Gama até o Park Shopping, e de lá vai de metrô para o Guará. O

custo dessas quatro passagens é de R\$ 8,00 por dia. São duas passagens de ônibus a R\$ 2,50 cada, e duas de Metrô a R\$ 1,50 cada, contabiliza a estudante. Sem o metrô, as quatro passagens custariam R\$ 10,00; a economia diária é de R\$ 2,00.

Ela diz que também ganha tempo. Desde que começou a usar o metrô, consegue ir do Gama ao Guará em 40 ou 50 minutos. Como antes gastava mais de uma hora no trajeto, aproveita o tempo que sobra para estudar. Entre as vantagens do metrô, Mariana destaca a segurança. “Muita gente não anda de metrô porque acha o ambiente mais frio”, diz. “Mas o que acontece é que, nos trens, cada passageiro fica na sua”, analisa a estudante de Comunicação que define o metrô como transporte “de primeiro mundo”.

